

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE MIRACEMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

CAMILA ALMEIDA DOS SANTOS

**QUESTÕES RACIAIS E ESCOLA: REFLEXÕES A PARTIR DO TRABALHO COM
UM CONTO AFRICANO**

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2018

CAMILA ALMEIDA DOS SANTOS

QUESTÕES RACIAIS E ESCOLA: REFLEXÕES A PARTIR DO TRABALHO COM
UM CONTO AFRICANO

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciado em Pedagogia, junto a Universidade Federal do Tocantins, *Câmpus* de Miracema, sob a orientação da Professora Doutora Ana Corina Spada.

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S237q Santos, Camila Almeida dos .
Questões raciais e escola: reflexões a partir do trabalho com um conto africano . / Camila Almeida dos Santos. – Miracema, TO, 2018.
28 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2018.
Orientadora : Ana Corina Spada

1. Raça. 2. Preconceito. 3. Contos infantis. 4. Questões raciais. I.
Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CAMILA ALMEIDA DOS SANTOS

QUESTÕES RACIAIS E ESCOLA: REFLEXÕES A PARTIR DO TRABALHO COM
UM CONTO AFRICANO

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus de Miracema, Curso de Pedagogia, para obtenção do título de Licenciado e aprovada em sua forma final pela orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação 17/12/ 2018.

Banca Examinadora:



Prof^ª. D^ª. Ana Corina Machado Spada, Orientadora, UFT



Prof. Dr. Francisco Gonçalves Filho, Examinador, UFT



Prof^ª. Dr^ª. Kalina Almeida de Brito Andrade, Examinadora, UFT

Dedico este trabalho a Deus e à minha avó, Maria Dionilia Lima (*in memoriam*), que me incentivou e me apoiou muito a entrar na faculdade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo fôlego de vida e por ter me proporcionado chegar até aqui.

A minha família, por toda paciência e incentivo, a minha mãe Leni Almeida Lima, aos meus irmãos Darlene Almeida Dos Santos e Pedro Ryan Almeida Lima, pelo apoio, sempre me motivando a nunca desistir e pelo convívio diário, nos momentos alegres e tristes.

A cada um dos meus colegas de trabalho, sempre tão solícitos com tudo sobre a faculdade.

A todos os professores que contribuíram para o meu aprendizado ao longo dessa caminhada.

A UFT, por toda ferramenta e disponibilidade em servir e ajudar cada discente da melhor maneira possível.

A minha orientadora, professora Ana Corina Spada, pela sua contribuição, sua sabedoria e tranquilidade em me orientar.

RESUMO

Este texto apresenta o trabalho de conclusão de curso de Pedagogia que tem como objeto de estudo as questões raciais no âmbito da escola. Para refletir sobre as questões raciais e o modo como são abordadas no espaço escolar, optei por estudar o conceito de raça a partir do referencial teórico da sociologia, considerando os autores: Guimarães (2003); Silva e Soares (2011); Senkevics, Machado e Oliveira (2016). O problema de pesquisa que orientou o estudo foi: As instituições de Educação Infantil do município de Miracema do Tocantins, TO, trabalham com questões étnico-raciais em seu cotidiano? De que modo as questões étnico-raciais se manifestam no âmbito institucional? Para abordar a questão, optei pela realização de um estudo qualitativo, baseado em observação e na intervenção, a partir da apresentação de um conto chamado Alafiá, a história de uma princesa negra. A proposta se concretizou em uma extensão da escola rural Campo Verde, que está abrigada na escola urbana Manoel Messias. As salas para as quais contei a história foram pré-escolar, primeiro e segundo anos do Ensino Fundamental. Como resultados de pesquisa destaca-se a ausência da problematização de questões raciais no espaço escolar, o desconhecimento das crianças sobre contos com protagonistas negros e uma naturalização e silenciamento em relação a processos de exclusão e preconceito racial.

Palavras-chave: Raça. Preconceito. Contos infantis.

RESUMEN

Este texto presenta el trabajo de conclusión de curso de Pedagogía que tiene como objeto de estudio las cuestiones raciales en el ámbito de la escuela. Para reflexionar sobre las cuestiones raciales y cómo se abordan en el espacio escolar, opté por estudiar el concepto de raza a partir del referencial teórico de la sociología, considerando los autores: Guimarães (2003); Silva y Soares (2011); Senkevics, Machado y Oliveira (2016). El problema de investigación que orientó el estudio fue: ¿Las instituciones de Educación Infantil del municipio de Miracema del Tocantins, TO, Brasil, trabajan con cuestiones étnico-raciales en su cotidiano? ¿De qué modo las cuestiones étnico-raciales se manifiestan en el ámbito institucional? Para abordar la cuestión, opté por la realización de un estudio cualitativo, basado en observación y en la intervención, a partir de la presentación de un cuento llamado Alafia, la historia de una princesa negra. La propuesta se concretó en una extensión de la escuela rural Campo Verde, que está abrigada en la escuela urbana Manoel Messias. Las salas para las cuales conté la historia fueron pre escolar, primero y segundo años de la Enseñanza Fundamental. Como resultados de investigación se destaca la ausencia de la problematización de cuestiones raciales en el espacio escolar, el desconocimiento de los niños sobre cuentos con protagonistas negros y una naturalización y silenciamiento en relación a procesos de exclusión y prejuicio racial.

Palabras clave: Raza. Perjuicio. Cuentos infantiles.

SUMÁRIO

RESUMO.....	vi
RESUMEN	vii
1 INTRODUÇÃO	09
2 O CONCEITO DE RAÇA: REFLETINDO PARA DESCONSTRUIR PRECONCEITOS.....	10
3 AJUSTANDO O FOCO E DEFININDO O CURSO: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE COMO SE ESTRUTUROU ESSA PESQUISA.....	18
4 A LITERATURA INFANTIL E A POSSIBILIDADE DO TRABALHO COM QUESTÕES RACIAIS.....	21
4.1 A literatura infantil e o desenvolvimento das crianças no âmbito escolar ..	21
4.2 A presença de personagens negros na literatura infantil.....	22
4.3 Reflexões a partir de uma experiência na escola: o trabalho com o conto Alafiá, uma princesa negra.....	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS.....	28

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem o interesse em apresentar dados sobre questões raciais e o trabalho educacional. O interesse pela temática surgiu a partir das experiências com o Estágio Curricular Supervisionado e com a disciplina Educação e Cultura Afro-brasileira.

A delimitação da pesquisa considerou o trabalho com contos infantis no ambiente escolar, tendo como referência uma história sobre uma princesa negra escravizada e raptada, que passou a trabalhar como escrava no Brasil.

O problema de pesquisa que orientou o estudo foi: As instituições de Educação Infantil do município de Miracema do Tocantins, TO, trabalham com questões étnico-raciais em seu cotidiano? De que modo as questões étnico-raciais se manifestam no âmbito institucional?

Buscar responder a essas questões me fez estruturar uma pesquisa voltada às questões raciais, compreendendo o conceito de raça a partir da perspectiva da Sociologia (GUIMARÃES, 2003), que desconstrói perspectivas racistas e eugenistas, ao sustentarem a inferioridade a partir da origem racial.

Para a sociologia o conceito de raça é uma construção discursiva, que visa atender aos interesses de um grupo dominante. Portanto, entendo que se a escola trabalhar com a temática racial, promovendo reflexão sobre a igualdade, teremos um bom caminho de enfrentamento e superação do preconceito e da discriminação.

O estudo contou com a leitura de referencial teórico específico e também com a intervenção em uma escola pública de Miracema, onde foi realizada a apresentação do conto Alafiá, uma princesa negra.

A apresentação dos resultados está organizada nos seguintes tópicos: o primeiro explica a perspectiva teórica de discussão, conceituando raça e falando sobre a importância da superação do preconceito. No segundo item falo um pouco sobre a perspectiva metodológica do estudo. No último tópico apresento os dados de pesquisa.

2 O CONCEITO DE RAÇA: REFLETINDO PARA DESCONSTRUIR PRECONCEITOS

Esta pesquisa de conclusão de curso teve sua problemática estruturada a partir das vivências em duas disciplinas: Estágio em Educação Infantil (creche e pré-escola) e Educação e Cultura Afro-brasileira, ambas componentes curriculares obrigatórios do curso de Pedagogia, do Câmpus de Miracema/UFT.

As vivências no campo de estágio, tanto na educação infantil, quanto nos anos iniciais do ensino fundamental, me fizeram entender que as questões raciais não estavam presentes no cotidiano escolar de modo a fazer com que as crianças passassem a refletir sobre questões como raça, etnia, preconceito. Desse modo, começo essa pesquisa apresentando brevemente sobre o conceito de raça, tomando como principal referência a sociologia.

O interesse em abordar as questões sobre raça foi gerado a partir da historiografia do negro no Brasil, e também dos movimentos culturais afrobrasileiros¹. Durante minha formação acadêmica, pude vivenciar experiências junto a disciplinas e eventos científicos que problematizavam questões como escravidão, preconceito, discriminação, racismo, inclusão/exclusão social, elementos culturais africanos e afrobrasileiros, manifestações religiosas, entre outros.

Assim, compreendi que a discussão racial e étnica deve ser feita tendo como base o conhecimento da história do Brasil e também deve estar situada em um tempo histórico e cultural, que constitui e é constituído pelas mentalidades das pessoas, pelas crenças compartilhadas e pelos interesses em comum, principalmente os interesses dos grupos econômicos e políticos que tem hegemonia.

A reflexão sobre o conceito de raça e o modo como ele foi usado para fortalecer certo discurso e os interesses de uma época histórica nos leva diretamente ao movimento eugenista². Essas ideias foram usadas pelos nazistas, para justificar o holocausto, e, no Brasil, que nos interessa, justificou uma ideia sobre

¹ Essas reflexões foram possibilitadas pela disciplina “Educação e cultura afrobrasileira”, ofertada no curso de Pedagogia.

² Eugenia é um termo criado em 1883 por Francis Galton (1822-1911), definido como um estudo sobre os agentes sobre o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações, tanto física como mentalmente.

a inferioridade dos humanos³ com origens africanas em relação a povos não africanos.

O conceito de raça teve sua origem através de uma fundamentação biológica, dentro do paradigma de raça inferior e raça superior, reforçado através dos estudos e pesquisas de diversos cientistas, entre eles o cientista brasileiro Nina Rodrigues. A chamada ciência da época beneficiou um grupo de dominadores (minorias) em detrimento dos dominados (maioria), época em que os negros viviam ameaçados sob as ordens e a chibata do dominador. Acreditando na superioridade de uma raça ariana pura, legitima-se o poder da desigualdade, contando com a colaboração da ciência, do direito, da filosofia, da religião, entre outras. (SILVA; SOARES, 2011, p. 102).

Essas ideias fortaleceram um grupo social, majoritariamente branco, que manteve o poder em suas mãos. As ideias de diferenciação racial fortaleceram o abuso e a exploração praticados contra africanos e afrodescendentes e baseavam-se no discurso de que as pessoas de origem africana não possuíam alma, ou eram dotadas de inteligência inferior. Assim, construiu-se um discurso que pretendia dar aos abusos praticados contra os africanos e afrodescendentes uma justificativa científica.

Guimarães (2003) explica que quando trabalhamos com um conceito como raça, dentro do referencial da sociologia, ele pode ser trabalhado de duas formas: de uma forma analítica (recorrendo a uma teoria), ou de um modo nativo (que se refere ao conceito na prática). O autor responde à pergunta: “o que é raça?” da seguinte forma:

Depende. Realmente depende de se estamos falando em termos científicos ou de se estamos falando de uma categoria do mundo real. Essa palavra “raça” tem pelo menos dois sentidos analíticos: um reivindicado pela biologia genética e outro pela sociologia. (GUIMARÃES, 2003, p. 93).

Em geral, há uma grande discussão se as bases dessa análise do conceito raça se fundamenta em elementos biológicos ou sócio-culturais.

Para Guimarães (2003, p. 96) “[...] as raças são, cientificamente, uma construção social e devem ser estudadas por um ramo próprio da sociologia ou das ciências sociais,

³ Em comum acordo com a professora orientadora deste trabalho de conclusão de curso, optamos por usar no texto os termos humanos escravizados, afrodescendentes, humanos de origem africana, porque acreditamos que optamos por observar e abordar as questões de origem raciais (tanto nos traços físicos quanto nos elementos culturais) a partir do que nos une e não do que nos separa. Assim, somos todos seres humanos.

que trata das identidades sociais. Estamos, assim, no campo da cultura, e da cultura simbólica”.

Portanto, para a sociologia as raças se referem a discursos historicamente construídos, a respeito das origens de um grupo. Essas construções discursivas não abrangem somente as raças, mas também lugares, exaltando certas características geográficas e da população, modos de fazer as coisas, hábitos etc. (GUIMARÃES, 2003).

Como se vê, o conceito de raça pode, dependendo do modo como é usado, reforçar uma consciência mais igualitária e inclusiva (quando há um entendimento do assunto com base em teorias como a sociológica), ou promover a separação, a exclusão e o abuso de certos grupos em relação a outros, tal como ocorreu no Brasil, tendo como subjugados pessoas de origens africanas.

Por outro lado, quando o conceito de raça passa a ser usado como uma categoria nativa, as pessoas podem se organizar a partir de uma identidade, a identidade racial, que reúne um grupo com base em elementos culturais, formas de pensamento, busca por direitos etc. Esses elementos dão coesão e sustentabilidade aos grupos sociais.

O termo raça é utilizado com frequência nas relações sociais, para informar determinadas características físicas, como cor da pele, isso determina muitas vezes o lugar ou o destino social do indivíduo na sociedade.

Raça é antes de tudo, um artifício teórico. Reconhecer seu estatuto como construção social significa, primeiramente, entender que a noção de raça foi historicamente adotada como ferramenta de exclusão e hierarquização de povos e culturas, tendo sido mobilizada por setores da elite para legitimar ações escravistas, eugênicas e colonialistas. Depois, com a emergência dos movimentos sociais, raça foi retomado como instrumento de luta política uma bandeira pelo reconhecimento de direitos e de redistribuição de recursos. Hoje, falar de raça não significa evocar sua história e infeliz definição, muito menos fazer apologia de seus maus usos, e sim reconhecer sua importância como conceito analítico para iluminar desigualdades, valorizar identidades, enfrentar o racismo e promover transformações na sociedade. (SENKEVICS, MACHADO, OLIVEIRA, 2016, p. 08).

O racismo foi construído pela elite dominante a fim de justificar a escravidão e omitir os reflexos dessa escravidão para o negro, tentando assim apagar a história da resistência dos negros, negando aos mesmos sua identidade, com tudo isso existe uma dificuldade do negro se auto identificarem ou declararem negros.

Assim como a democracia racial encobre os conflitos raciais, o estilo de cabelo, o tipo de penteado, de manipulação e o sentido a eles atribuídos pelo sujeito que os adota podem ser usados para camuflar o pertencimento étnico/racial, na tentativa de encobrir dilemas referentes ao processo de construção da identidade negra. Mas tal comportamento pode também representar um processo de reconhecimento das raízes africanas assim como de reação, resistência e denúncia contra o racismo. E ainda pode expressar um estilo de vida. (GOMES LINO, p. 08).

Nossa história é marcada por desigualdades e discriminações, principalmente contra os negros, apesar de a sociedade brasileira ser constituída por diversas etnias. Foi nos colocado uma ideia errônea de que negros e índios eram raças inferiores, passando a aplicar a discriminação racial na sociedade.

A lei 10.639/2003, que estabelece a LDB, lei diretrizes e bases da educação nacional, para incluir na rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, aponta os seguintes artigos.

Art. 26 A- Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio oficiais e particulares, torna se obrigatório o ensino sobre História e cultura afro-brasileira.

1: O conteúdo programático o que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro da formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à história do Brasil.

2: Os conteúdos referentes a História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como dia nacional da consciência negra (BRASIL, 2003).

A legislação apresentada busca assegurar que os conteúdos referentes à História e cultura africana e afro-brasileira, bem como o conhecimento e a reflexão sobre o processo de escravização de africanos, sejam estudados a fim de que as pessoas se conscientizem de que práticas de preconceito e discriminação racial são no mínimo sem fundamento nenhum, para não dizer absurdas.

Estudos no campo da psicologia, como os desenvolvidos por Lév Vygotsky, por exemplo, mostram como a criança constrói seu pensamento e deixam claro que os conceitos são formados e aprendidos por meio da socialização. Portanto, a criança não nasce racista, ela se torna, ao longo da inserção na sociedade, expondo a consequência de uma educação familiar discriminatória e racista que se acham superiores por sua matriz racial, um preconceito, a visão de que a miscigenação

gera indivíduos inferiores ao de raça pura, mas a escola entra com o papel de quebrar esses paradigmas.

O ambiente escolar é o meio responsável pelo processo de interação, onde as crianças vão conviver com todos os tipos de raças, costumes, valores, crenças, tradições e saber aceitar as diferenças e conviver bem com elas é algo fundamental. Sendo assim, a escola tem o papel da formação dessas relações raciais, podendo romper as desigualdades e a discriminação. E com esse currículo escolar, ensinando, mostrando a história africana e dos negros no Brasil, vão educando e formando pessoas que vão ter consciência da sua identidade, rompendo as barreiras impostas pela sociedade.

A educação para as relações étnico-raciais é de grande importância desde os primeiros anos de existência. A lei 10.639/2003 veio para contribuir, com isso a escola volta a atenção neste assunto, desenvolvendo atividades voltadas a valorização da cultura afro-brasileira, mostrando a história da herança africana, contribuindo para que as crianças se reconheçam e identifiquem com a sua raça sendo dono da sua história, combatendo o preconceito e promovendo um bom relacionamento com as pessoas negras e de qualquer outra raça.

O estereótipo do negro é desvalorizado, este fato ocorre devido a marginalização da raça, onde as características físicas definem seu status e suas oportunidades perante a sociedade. Foi imposto um padrão de beleza branco, no qual os traços negros são negados, fazendo com que os mesmos não se aceitem tentando mudar suas características, para se enquadrar nos aspectos que a sociedade cobra.

O nosso país com toda a transformação democrática, ainda valoriza e privilegia os brancos, a cultura europeia e suas raízes, pouco se importando com os valores africanos. Ainda está arraigado o preconceito que o branco é superior ao negro, que o mesmo sempre tem que ter trabalhos inferiores na sociedade, com isso os negros se submetem a padrões impostos externamente e se descaracterizam, tentando se assimilar a cultura europeia, negando as suas origens e tradições. Isso é uma questão séria e com a qual a educação tem um importante compromisso, por meio da formação, da conscientização.

Com a luta de alguns movimentos sociais, especialmente os movimentos negros, podemos ver uma relativa mudança na identidade: os negros aceitando seus cabelos como são, não aceitando ser tratados como se fossem inferiores, lutando

por seus direitos de igualdade. Podemos observar que seria de suma importância a participação de grupos de movimentos negros e culturais, nas escolas ou nas comunidades, para a valorização da história africana e afro-brasileira, e com isso a criança negra despertasse que ela pode ser dona da sua história, criando sua identidade, aprendendo a valorizar a arte se libertando de traumas, inibição, encontrando confiança na arte.

Ou seja, entrar para o bando me deu argumentos e coragem para falar sobre assim chamada questão racial. Existe todo um discurso que não há racismo no Brasil. Afinal, nós fazemos parte de um povo pra lá de miscigenado. Mas quem é negro como eu sabe que a cor é motivo de discriminação diária, sim. Um exemplo é blitz de ônibus. Em determinada época, elas eram bastante frequentes em Salvador. O curioso é que só descia negão dos ônibus. O cara branco era chamado de cidadão e eu virava menininho, garoto, moleque. Ou vocês nunca repararam na cor da pele de quem é menor de quem é criança nos textos da imprensa, no vocabulário popular ou mesmo em pronunciamentos de autoridade? (RAMOS, 2017, p. 36).

As instituições de ensino, no âmbito democrático, no qual o país é regido, precisam se posicionar contra toda e qualquer forma de discriminação, pois a tarefa do educador é romper todo preconceito e individualismo, independente da sua cor, crença ou posição política, buscando sempre trabalhar as relações raciais, empenhando para que todas as pessoas tenham espaços democráticos e justos.

As discussões sobre questões étnico raciais na formação de professores são de suma importância, porque o branco tem uma visão de uma história, na qual ele não conhece, tem a informação sobre o que é preconceito, mas não compreende o conceito de fato, não tem dimensão de como um negro é discriminado na sociedade. Com essas discussões faz com que o branco ou negro que nunca sofreu nem um tipo de discriminação, possa se colocar na posição do outro, rompendo muitas barreiras.

Com a introdução da educação das relações étnico raciais na formação de professores, levam os mesmos a conhecerem a história do povo africano e afro-brasileiro, desde o princípio até os dias atuais, os preconceitos vividos e os enfrentamentos necessários.

O racismo é um crime muitas vezes oculto, dissimulado, camuflado e só quem sofre ou já sofreu sabe a dimensão da crueldade, pois o negro é julgado pela sua cor de pele, penteado, a forma de vestir. Por isso, o trabalho contra o racismo

precisa ser em conjunto, família, escola e sociedade, buscando uma sociedade justa, onde ninguém é apontado julgado e condenado pela sua cor de pele.

Um negro se dá conta da sua etnia a cada olhar que recebe (de desconfiança, de surpresa, de repulsa, de pena) ao entrar em um lugar. A cada vez em que se procura e não se encontra. A cada apelido na escola, que sempre tem a ver com a cor, e geralmente, agregado a um valor negativo. A cada vez que não é considerado padrão de beleza e a cada vez que se vê calculando como deve se portar ou que deve dizer, porque não sabe como será interpretado. A cada vez que observa como sua palavra é desconsiderada ou considerada equivocadamente. É nos pequenos incômodos, para muitos inexistentes, que nos damos conta de que não é mera coincidência sermos a maioria nos presídios, favelas e manicômios. (RAMOS, 2017, p. 94).

A maneira negativa como os afrodescendentes são retratados na mídia, livros ou textos escolares sempre sendo pobre, ladrão, faz com que as crianças negras se sintam diminuídas, inibindo suas potencialidades, fazendo com que as mesmas não sonhem profissionalmente, não se achem capazes de serem protagonistas da sua própria história, podendo ser quem quiserem. Tudo isso impede que as crianças se respeitem, e entendam que todas independentes de cor, tem uma identidade, na qual, vai ser construída, através dos valores e ensinamentos, nos quais são transmitidos.

As relações étnico-raciais precisam ser iniciadas na educação infantil, porque o sujeito não nasce racista, se torna, e a criança tem a espontaneidade de se relacionar independente de como o outro seja. Com isso evita de formar cidadãos preconceituosos, desde pequeno ensinando a importância da diversidade.

O combate ao racismo só virá através do conhecimento acerca das questões étnico raciais, pois ampliará os saberes das crianças desde cedo, ensinando que o respeito é essencial, pelas origens de cada um. Mas para alcançar este resultado é preciso iniciar essa questão étnico-racial na formação, e como trabalhar o assunto entre os educadores e funcionários da escola, pois necessita da escola em um todo. Professores precisam ter conhecimento da História e Cultura Afro-Brasileira, para discorrer o assunto com propriedade, para que não venham reproduzir ideias equivocadas.

Nós brancos não temos a dimensão do preconceito que os negros passam, depois que eu escolhi esse tema para o meu trabalho de conclusão do curso, eu comecei a observar em cada lugar que eu vou, e tenho visto crianças negras trabalhando como babás para famílias brancas, em todas as vezes que eu observei

são negras, como também os rapazes negros sempre são os mais parados quando precisam passar no detector de metais, muitas vezes os brancos passam direto, mas o negro sempre tem que ser revistado. Esse trabalho tem me colocado mais atenta ao que meu próximo passa e não temos noção, porque vivemos em uma bolha, onde o individualismo predomina.

Muito embora haja uma legislação que regularmente o ensino da História da África e reflexões sobre a história dos afro-brasileiros, considere importante verificar como isso se desenvolve no cotidiano escolar.

Então, o capítulo seguinte apresenta brevemente o percurso do referencial metodológico utilizado para a realização do estudo.

3 AJUSTANDO O FOCO E DEFININDO O CURSO: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE COMO SE ESTRUTUROU ESSA PESQUISA

A pesquisa é a busca de informação, da qual não se tem, ou o que se tem é limitado necessitando se ter mais informações. Para realizar uma pesquisa é preciso coletar dados sobre determinado assunto, isso se faz a partir de um estudo, no qual o pesquisador com conhecimento vai detalhar e mostrar.

Uma pesquisa só existe através de dúvidas referentes a algum tema, a procura por respostas leva o pesquisador a buscar a soluções das dúvidas questionamentos e perguntas. Existem várias metodologias de pesquisas para se chegar ao fim proposto, cabe ao pesquisador escolher para abordar o objeto de estudo.

Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele. Em geral isso se faz a partir do estudo de um problema, que ao mesmo tempo desperta o interesse do pesquisador e limita sua atividade de pesquisa a uma determinada porção do saber, a qual ele se compromete a construir naquele tempo. Trata-se, assim, de uma ocasião privilegiada, reunindo o pensamento e a ação de uma pessoa, ou de um grupo, no esforço de elaborar o conhecimento de aspectos da realidade que deverão servir para a composição de soluções de propostas aos seus problemas. (LUDKE; ANDRÉ, 2003, p. 1-2).

A pesquisa em educação está voltada para pensar em soluções adequadas aos problemas específicos da escola, captando a realidade da qual se encontra, o pesquisador precisa colocar sua opinião de forma imparcial, sem influenciar os resultados ou mesmo tomar uma posição. Trata-se de um instrumento enriquecedor, tanto para o educador, quanto para o educando e a sociedade, para saber como encontra se a escola e qual papel dos mesmos para tentar solucionar os problemas referentes ao ensino, aprendizagem e à formação humana de um modo geral.

Para se fazer pesquisa é necessário que o pesquisador defina sua perspectiva teórica, ou seja, o caminho que escolhe para compreender o objeto de estudo, pois não existe neutralidade – a partir do momento que estamos escolhendo um referencial específico estamos nos posicionando sobre a forma pela qual vamos entender o fenômeno estudado. Mas, ao escolhermos uma chave de leitura da problemática não significa que vamos exercer qualquer tipo de influência sobre os

resultados da pesquisa; significa apenas que vamos interpretar os fatos a partir daquela chave de leitura.

No caso específico dessa pesquisa de conclusão do curso de Pedagogia, optei por compreender o fenômeno da questão racial no Brasil, envolvendo especificamente afro-brasileiros a partir do referencial da sociologia. Esse referencial entende o conceito de raça como uma construção histórica, social e discursiva, inicialmente elaborado por uma elite dominante para justificar a opressão sobre um grupo específico. Mas essa não é a única possibilidade de entendimento do assunto, porque como falamos no primeiro tópico desse estudo, o eugenismo foi uma forma de ler a questão, mas com uma visão muito fechada e opressora.

Todo ato de pesquisa é um ato político”, já disse muito bem Ruben Alves (1984). Não há, portanto, possibilidade de se estabelecer uma separação nítida e asséptica entre o pesquisador e o que ele estuda e também os resultados do que ele estuda. Ele não se abriga, como se queria anteriormente, em uma posição de neutralidade científica, pois está implicado necessariamente nos fenômenos que conhece e nas consequências desse conhecimento que ajudou a estabelecer. (LUDKE; ANDRÉ, 2003, p. 5).

Ter clareza da dimensão política e ideológica da pesquisa é importante porque aquilo que se escreve sobre determinadas temáticas pode influenciar o modo de pensar de um grupo significativo de pessoas e essa influência tanto pode ser positiva como negativa. Por isso, deixei claro desde o início do texto que o objetivo desse estudo é inserir a reflexão sobre questões raciais no espaço escolar e desconstruir preconceitos.

Ademais, optei pelo desenvolvimento de um estudo qualitativo, sendo que a pesquisa qualitativa procura explicar um dado fenômeno, é rica em dados descritivos, não se prende a números e quantidades, mas sim a compreender suas particularidades e esclarecer dúvidas com o método de investigação científica.

Para a realização do estudo optei pela observação, que consiste em examinar e analisar uma dada situação. Na maioria das vezes, é o que as pessoas fazem, cada um tem um modo de olhar um objeto ou ma situação, pois a mente humana é complexa e cada uma tem suas características, a observação pode ser feita através de uma pessoa seu modo de trabalho, objeto ou como uma instituição funciona, pois a observação possibilita um contato pessoal do pesquisador com o pesquisado.

Na medida em que o observador acompanha in loco as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações. (LUDKE; ANDRÉ, 2003, p. 26).

Existem vários métodos de observação, a participante assume uma posição ativa, envolvendo-se com a situação analisada. A participante total, não revela a verdadeira identidade ele busca se infiltrar para participar, sem mostrar seu real propósito que é a pesquisa, porque muitas vezes as pessoas escondem o que precisaria ser mostrado. O observador total, por outro lado, não interage, realiza a pesquisa sem ser visto. As observações demandam um trabalho descritivo dos sujeitos, de locais, de diálogos e das atividades e a reflexão que o pesquisador construiu a partir da pesquisa.

O conhecimento das etapas envolvidas no processo de elaboração da pesquisa me levou a construir um projeto de pesquisa melhor estruturado e com passos de coleta de informações que me levavam a construir uma reflexão sobre a importância da superação de preconceitos raciais. Para tanto, foi formulado o seguinte questionamento: As instituições de Educação Infantil do município de Miracema do Tocantins, TO, trabalham com questões étnico-raciais em seu cotidiano? De que modo as questões étnico-raciais se manifestam no âmbito institucional?

A problemática de pesquisa me ajudou a delimitar melhor meu foco de análise, fazendo com que eu me detivesse a verificar se as questões raciais estavam presentes dentro do planejamento de atividades docentes para os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Selecionei uma das instituições públicas municipais de Miracema do Tocantins uma escola e me detive a acompanhar o trabalho pedagógico desenvolvido junto a três turmas: pré-escolar, primeiro ano e segundo ano do Ensino Fundamental.

Além da observação da rotina de atividades, realizada ao longo de uma semana, também conversei com as docentes e com os discentes e, ao final, optei por realizar uma intervenção: apresentação do conto Alafiá, uma princesa negra.

O processo todo passa a ser descrito no item a seguir.

4 A LITERATURA INFANTIL E A POSSIBILIDADE DO TRABALHO COM QUESTÕES RACIAIS

Esse tópico caracteriza brevemente a literatura infantil e apresenta sua importância para o desenvolvimento do imaginário infantil. Em seguida, apresentamos os dados de pesquisa coletados a partir de uma experiência em uma instituição de ensino do município de Miracema do Tocantins, TO.

4.1 A literatura infantil e o desenvolvimento das crianças no âmbito escolar

A literatura infantil constituiu como gênero durante o século XVII, época em que as mudanças na estrutura da sociedade desencadearam repercussões no âmbito artístico. O aparecimento da literatura infantil tem características próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa, do novo status concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola, e com isso a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria se distanciar da vida dos mais velhos e receber uma educação especial que as preparasse para a vida adulta.

A literatura infantil é um ramo da literatura dedicado às crianças e adolescentes. Esse gênero inclui histórias fictícias e juvenis, biografias, poemas e contos, por suas qualidades de ficção ou imaginação, possibilita às crianças a leitura prazerosa de imaginar estar dentro da história algo que só a leitura é capaz de fazer.

Literatura é a arte pela palavra, significa um conjunto de saberes que levam a habilidade de escrever e ler bem, um livro infantil é uma forma de comunicação que busca se adequar ao mundo infantil, a estrutura, linguagem verbal e visual, os temas são apresentados de modo que encante a criança que corresponda as expectativas dos mesmos. A literatura infantil tem um papel importante, pois ela marca a infância a história, um personagem ele ocupa um espaço que jamais é apagado na mente da criança.

A literatura infantil deve ser trabalhada nos anos iniciais, pois ela faz parte do processo de alfabetização, uma vez que está relacionada com a escrita e leitura, podemos perceber como a leitura transforma de várias formas, a maneira de pensar quem ler consegue se expressar com suas ideias, sair do senso comum, a escrita o

vocabulário se transforma, com o convívio com textos literários, pois desperta a curiosidade com as palavras e os estimula a pensar.

O professor é o mediador, o poder transformador está nas suas mãos, pois é ele que estabelecerá a relação da criança com a literatura infantil, a ele cabe selecionar os livros, promover as leituras e conversas na sala de aula como rodas de conversa, desenvolver um trabalho para que a criança saiba manipular o livro e descobrir nele o que só com a manipulação é possível. Na sala de aula a criança desenvolve o senso crítico, quando é contada uma história as crianças tendem a querer compartilhar suas experiências vividas, com isso surge um momento de interação e podemos perceber, como a criança se envolve com a história, através dos seus relatos, existe uma interação entre a criança e o que ela lê trabalhando o emocional, sensorial e racional, a família e a escola molda a criança desde que ela nasce, e a literatura pode vir ter sua contribuição possibilitando a mudança de conceitos e a autonomia do pensamento.

Há várias formas de trabalhar a literatura infantil em sala de aula, como teatro, história com fantoches, levar a biblioteca onde cada aluno pega um livro, depois a professora pergunta o que cada um tem para falar sobre o livro que leu e histórias sugeridas, cabe ao professor, repensar sua prática pedagógica, pois ele é o mediador dessa tarefa.

Também é preciso que os educadores participem ativamente do seu processo de formação como formadores de leitores. Portanto, faz-se necessário que eles busquem se atrever como contadores: larguem o medo e se aventurem a fazer com as crianças práticas de leituras diferenciadas, ricas, desafiadoras e instigantes. Para isso, os educadores devem promover a inserção dos alunos em ambientes de formação de leitores (feiras, bibliotecas públicas, livrarias etc...), levando-se a perceber que a literatura está em suas vidas, nos mais variados espaços, para ser usufruída. (KAERCHER, s.d., p. 136).

4.2 A presença de personagens negros na literatura infantil

A literatura infantil desde quando se iniciou tem apresentado a história do negro sempre com inferioridade ao branco, mostra sua luta como escravos, depois de libertos é mostrado os mesmos trabalhando em fabricas por salários desvalorizados continuando sendo escravos da classe superior. O negro é associado a pobreza, sujeira e a feiura, todos papeis dos negros na literatura infantil é de servir o branco de alguma forma, continuando a mostrar que o mesmo continua

escravo que não tem condição de igualar ao branco, ou até mesmo está em uma situação melhor, as mulheres negras são sempre relatadas como sensuais, que só serve o corpo, quando o corpo não servir mais, as mesmas viram cozinheira.

Em geral, no âmbito da literatura infantil o povo negro é tratado de forma secundária e não como personagens centrais, as crianças leitoras não se sentem representadas nas narrativas e ilustrações, pois os autores não mostram seus valores culturais a sua importância na história brasileira, as suas lutas e resistências, mas reforça suas condições subalternizadas e inferiorizadas levando o preconceito e discriminação. Podemos ver a diferença de um olhar ente a autora Mirna Pinski (branca) e Geni Guimarães (negra), pois Mirna, relata sempre os negros como tristes, que vivem como animais sujos que tratam seus filhos sem carinho, que a filha não acha a mãe bonita, já Geni Guimarães, mostra com outro olhar sempre lado alegre vivido pelos negros, ao denunciar problemas sociais e racismo é mais pesado, mas ela tem mais condição de falar, pois realmente pode ter passado por situações parecidas, o que podemos notar como olhar de uma pessoa branca para uma negra, tem uma diferença para relatar histórias cotidianas, como tem situações que só quem é negro realmente viveu, por isso muitas vezes os autores não representam os leitores negros.

Essa é a mecânica do racismo: encontrar ou inventar culpados bani-los, marginalizá-los, para tentar assim aplacar a cólera da comunidade. É mais fácil tentar atribuir a culpa a um determinado grupo do que tentar encontrar as reais causas do problema, que na maioria das vezes está no acúmulo excessivo de privilégios por parte das classes dominantes. Como estas não querem abrir mão de tais privilégios, então elas criam os culpados sobre os quais projetam sua própria culpabilidade. Zilá Bernd.

As lutas do movimento negro e militantes tem crescido muito, temos a lei n: 10.639, de 2003, que tem levado a História e Cultura Afro Brasileira a ser inserida nas escolas mostrando sua real história, com isso podemos ver algumas mudanças. O censo mostra que houve um crescimento da população parda e negra, isso mostra como as pessoas não sentem vergonha de declararem sua real cor, percebemos que a literatura relata que ser negro é feio, com isso segue a aversão de negro se declarar, pois, a história nos mostra muitos pontos negativos em ser negro, e a literatura infantil o alvo é crianças e adolescentes, é natural nessa fase eles buscam por uma aceitação de todos, e onde um livro relata não ser bonito ser negro, podemos entender os mesmos não aceitem ser negros, a literatura infantil, não

tem buscado corresponder as características e pertencimento étnico-racial da maioria das crianças, e sim levando a exclusão do negro no processo histórico.

Pensando em uma educação para as relações étnico-raciais, há uma necessidade de reformulações de padrões ideológicos para a literatura infantil, gerando novas perspectivas, tornando crianças e adolescentes em adultos diferentes.

4.3 Reflexões a partir de uma experiência na escola: o trabalho com o conto Alafiá, uma princesa negra

Minha orientadora e eu, decidimos trabalhar um conto, sobre a princesa Alafiá, que narra a trajetória de uma princesa que foi sequestrada do seu país para ser escravizada no Brasil, e sua luta para sair dessa situação, com isso ficou pra eu escolher uma escola e trabalhar esse conto, e ver qual a reação das crianças.

Optei por a Escola Municipal de Tempo Integral Campo Verde Extensão Manoel Messias, localizada na zona rural, mas, o município fez uma extensão com o estado, e com isso estão sendo ministradas aulas a três turmas no espaço físico da Escola Manoel Messias, localizada no município de Miracema-To: pré, 1 ano e 2 anos, o coordenador responsável é Íris Rodrigues de Aquino. Estive na escola onde fui muito bem recebida, onde se prontificaram em me ajudar sem colocar nem um empecilho.

Fui à escola no período da manhã. Havia optado por duas turmas para contar a história para ver se tinha divergência entre pensamentos pela diferença de idade. Fui à sala do pré escolar, onde fui recebida pela professora Petronilha Alves, que me deixou super à vontade com as crianças, uma turma com dez alunos, mas a professora disse que tinha faltado alguns alunos, me apresentei fiz uma roda com todos, onde cada um se apresentou, comecei perguntando se eles conheciam princesas, e lhes pedi pra falar o nome das quais eles conheciam.

Levei comigo uma boneca negra com cabelos cacheados e as crianças ficaram encantadas com a boneca o cabelo todas queriam pegar a boneca mexer em seus cabelos. Quando perguntei se eles acharam a boneca bonita, todos disseram que sim, que gostaram da história, quando iniciei algumas perguntas todos respondiam sem nenhum preconceito, eu pude perceber como a criança é livre, espontânea, inocente e sem preconceitos, ela quer ser amada não se preocupa com

a deficiência a cor, o preconceito ele é colocado na cabeça da criança pela família ou por alguma situação vivida.

Com tudo isso pude notar que a turma do pré escolar não apresentou preconceitos e resistências à história e nem reagiu negativamente à boneca, por suas características tão diferenciadas de produtos comerciais como Barbie.

Nessa turma do pré escolar, durante a contação de história, logo que mencionei o fato de que a princesa foi sequestrada e escravizada, as crianças se manifestaram dizendo que caminhavam pela cidade sem serem sequestrados, ou seja, buscavam estabelecer pontos de contato com suas realidades. O que eu pude perceber que eles absorveram a história da maneira deles, sempre olhando o lado bom da vida e como a boneca ajudou nessa atividade, por isso destaco à importância do lúdico no trabalho com a criança.

No primeiro ano fui muito bem recebida pela regente Socorro de Fátima Gomes Coelho, me apresentei fizemos uma roda, cada um se apresentou iniciei apresentando a história de uma princesa chama Alafiá. Algumas crianças disseram que nunca tinham visto uma princesa negra.

Apresentei para essa turma o conto Alafiá, sempre parando comentando algo que tinha a ver com a história e seu cotidiano, eu pude perceber que tinham três crianças negras. Ao final do conto fomos conversar e a maioria das crianças disse que tinha algum familiar negro, que não tinham nenhum preconceito com o coleguinha negro, um aluno bem tímido é negro, falou tenho muitos familiares negros e gosto de todos, mas em momento algum disse ser negro.

Um aluno chamado João Pedro, falou alto eu não tenho ninguém da minha família preto a professora que estava sentada próxima falou, João Pedro tem certeza que você não tem ninguém da família preto e ficou a questioná-lo e ele dizendo não, eu intervi e perguntei e se tivesse João Pedro qual o problema a cor da nossa pele é apenas um aspecto ela não muda quem somos, mas ele falou eu não quero ter ninguém da minha família preto eu perguntei porque, ele respondeu todo preto é feio eu falei pra ele que a beleza não está na cor de ninguém, a professora falou algumas coisas pra ele, que não deveria ter nenhum tipo de preconceito, mas para ele preto era feio e acabou.

O garotinho ao qual me refiro nessa descrição é afrodescendente e não se reconhece como tal.

Na terceira turma, do segundo ano, fui recebida pela regente Maria Dores Martins. Fiz como nas outras turmas me apresentei fizemos uma roda, cada um se apresentou, contei a história, todos participaram com a maior educação quando um terminava o outro falava, perguntei se alguém deles já tinham sofrido algum tipo de preconceito e uma estudante falou que não tinha sofrido, mas a mãe sim a mesma trabalhava na casa de uma senhora já algum tempo quando a filha da dona da casa veio pra morar com a mãe, disse que não queria que a mãe dessa criança, trabalhasse mais lá porque ela era negra.

Outra criança apontou que na turma tem uma aluna, que não estava presente, que não gostava de negro, não queria brincar quando é pra fazer fila a mesma não quer pegar no ombro do colega negro. Conversamos um pouco sobre essa situação e eu sempre enfatizei a necessidade de superação desses preconceitos.

Pude refletir que mesmo as crianças menores tendo apresentado uma compreensão mais limitada daquilo que foi proposto, o trabalho de apresentação da temática, a inserção de uma história com uma princesa negra foi uma atividade muito significativa e importante, porque auxilia a desconstruir visões de que as princesas só podem ser pessoas brancas (como a neve!) ou mesmo com cabelos loiros e olhos azuis, características de nossos colonizadores europeus.

Em gera, no espaço escolar, há uma prática sistemática de reprodução de contos da marca Walt Disney. Esses contos trazem estereótipos de mulheres, de homens, de vida e apresentam personagens com características físicas muito distantes daquelas apresentadas pela população brasileira.

Ao não questionarmos essas práticas e não apresentarmos outras possibilidades para as crianças estamos contribuindo para a manutenção da ideia de que o correto e o positivo é um biótipo que não encontramos no Brasil: mulheres de cabelos e pele muito claros, olhos azuis ou verdes, muito altas e magras. Isso contribui para a negação da autoimagem das crianças negras, que acabam por alisar e pintar seus cabelos, utilizar lentes de contato e se afastar de suas origens.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização dessa pesquisa foi impulsionada pelas experiências vividas junto às disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado e também Educação e Cultura Afro-brasileira.

Posso dizer que essa experiência contribuiu para minha formação porque me colocou em contato com textos e fundamentação teoria sobre raça, etnia, preconceito, exclusão social, que me fizeram refletir e me mostraram a importância de uma formação educacional que nos coloque em contato com perspectivas mais abrangentes de compreensão.

Ao procurar responder o problema de pesquisa – as instituições de Educação Infantil do município de Miracema do Tocantins, TO, trabalham com questões étnico-raciais em seu cotidiano? De que modo as questões étnico-raciais se manifestam no âmbito institucional? – me deparei com várias situações. A primeira delas foi que as escolas não se dedicam ao estudo da temática racial ao longo do ano letivo. As atividades, quando ocorrem, ficam restritas ao período de novembro, na semana da consciência negra. Além disso, os materiais de leitura – contos infantis – trazem personagens brancos e mesmo as professoras alegam desconhecer contos e histórias com personagens negros.

A aplicação da atividade baseada no conto Alafiá, uma princesa negra, despertou o interesse das crianças e trouxe a tona muitas questões, expressas por elas em diálogos: já viram suas mães e familiares sofrerem situações de exclusão social devido a questões raciais e descreveram experiências de preconceito racial. Contudo, o trabalho pedagógico da escola ainda deixa a desejar quanto aos diálogos educacionais e formativos, no que se refere a necessidade de conscientização e de superação do preconceito.

REFERÊNCIAS

FRANÇA, Luiz Fernando de. **Personagens negras na literatura infantil brasileira: da manutenção à desconstrução do estereótipo**. 2006. 167 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Mato Grosso. Instituto de Linguagens. Cuiabá (MT), 2006.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com “raça” em sociologia. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 29, n. 1, p. 93-107, jan.-jun/2003.

KAERCHER, Gládis. E por falar em literatura... In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis, E.P.S (Org.). **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

KAERCHER, Gládis. Literatura infantil e educação infantil: um grande encontro. **Educação Infantil**. Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP). São Paulo: UNESP, s.d., p. 135-142.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 6 reimpressão. São Paulo: EPU, 2003.

SENKEVICZ, Adriano Souza; MACHADO, Thaís de Sant’Anna; OLIVEIRA, Adolfo Samuel. A cor ou raça nas estatísticas educacionais: uma análise dos instrumentos de pesquisa do INEP. **Série documental textos para discussão**. Brasília (DF): Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP): Ministério da Educação, 2016. Volume 41. 48p il.

SILVA, Maria Aparecida Lima; SOARES, Rafael Lima Silva. Reflexões sobre os conceitos de raça e etnia. **Entrelaçando Revista Eletrônica de Cultura e Educação**. Caderno Temático Educação e Africanidades. Bahia: UFRB, n. 4, p. 99-115, Ano 2, Nov./2011.